

**O SELF – A PROPÓSITO DE UMA ANÁLISE  
CRÍTICA DO CONCEITO  
*THE SELF – A CRITICAL ANALYSIS  
OF THE CONCEPT***



José P. Góis



Rute Brites

**Resumo:** Este trabalho tem como objectivos a definição do conceito psicológico de Self a partir das suas raízes históricas, após a qual se fará uma comparação crítica entre as formas como as principais escolas de Psicologia o conceptualizam. Atenção especial será dada ao modelo Rogeriano do Self e à sua posição central na teoria de desenvolvimento da personalidade. As ideias de Rogers são desenvolvidas, mas considerando sempre o Self um conceito central, quer na sua estrutura quer nas suas funções.

**Palavras-Chave:** Self, desenvolvimento, personalidade, Ego, valoração organísmica, simbolização, condições de valor, actualização.

**Abstract:** This article pretends to define the psychological concept of the Self from its historical roots onwards, after which a critical comparison is made of the ways the principal schools of psychology see it. Special attention is given to the Rogerian model of the self and its central position in the theory of personality. Roger's ideas are further elaborated upon, but always considering the self, both in structure and function, as a key element.

**Key-Words:** Self, development, personality, Ego, organismic valuing, symbolization, conditions of worth, actualization.

## Introdução

O conceito do *Self* começou a ser elaborado no final do Séc. XIX por psicólogos que consideravam o seu estudo como o alicerce da Psicologia. As escolas posteriores relegaram-no para uma posição secundária, a favor de conceitos sucedâneos como a Personalidade e o *Ego*. Pelo contrário, Carl Rogers, através da Abordagem Centrada na Pessoa, elaborou uma teoria em que a psicologia do *Self* é central.

O conceito de *Self* é detentor de uma complexidade conceptual e, subsequentemente, alvo de definições variadas. Aliás, uma curta reflexão demonstra que é difícil defini-lo *a priori*; a definição do conceito de *Self* parece ser sempre secundária a uma postura teórica existente, a qual integra conceitos sobre o Homem e a mente, sejam eles de natureza psicológica, biológica, filosófica ou antropológica.

Começemos a nossa tentativa de definição a partir dum ponto supostamente neutro, pelo menos do ponto de vista teórico-psicológico. O *American Heritage Dictionary* (2004) define o *Self* como: “*o total, essencial, ou particular ser duma pessoa, as qualidades essenciais distinguindo uma pessoa de outra, a individualidade; a consciência do próprio do seu ser ou identidade; os interesses próprios, bem estar ou vantagem (...) o ego, e aquilo que o sistema imunitário reconhece como pertencendo ao corpo*”<sup>1</sup>.

Thesaurus (1995) define o *Self* como a consciência ou percepção (*awareness*) do indivíduo do que constitui a sua natureza essencial e o distingue de todos os outros.

Salientamos, desde já, algumas das características que serão fundamentais do *Self*. Em primeiro lugar, o *Self* abrange mente e corpo, e permite ao indivíduo saber sempre o que é “ele” (Eu) e “não-ele” (Não-Eu), tanto no campo psíquico como no somático. Permite, assim, que o indivíduo se auto-referencie, diferenciando-se simultaneamente do Mundo.

Em segundo lugar, o *Self* existe sempre num espectro de bipolaridade referencial – distingue o próprio (*Self*) do outro, e isso requer a existência da percepção do outro (ou outra coisa). O verdadeiro *Self* nunca pode existir num contexto de “autismo” absoluto, mas sempre numa dualidade existencial.

Depois, o *Self* é introspectivo e analítico, e não meramente perceptivo - a consciência do *Self* requer que se tenha consciência DO que se é e COMO se é (que juntos determinam *quem se é*), para além de reconhecer que se é. Estas capacidades de introspecção e reflexão ou análise dotam o *Self* de uma capacidade crítica fundamental para permitir que se avalie a si

1 Todas as traduções do Inglês são do autor.

## Introduction

The concept of the self began to be elaborated by psychologists at the end of the 19th Century who considered its study as the foundation of Psychology. Succeeding schools of psychology relegated the concept of the self to a secondary position in favour of related concepts such as the Personality and the Ego. Carl Rogers, however, through the Person-Centered Approach, created a theory in which the psychology of the self is a central element.

The notion of the self is conceptually complex and as such suffers varying definitions. Even a brief reflection will show one that it is difficult to define it *a priori*; the definition of the concept of the self seems to always be secondary to a pre-existing theoretical position, which will include necessarily concepts regarding Man, and the Mind, be they psychological, biological, philosophical or anthropological in nature.

Let us attempt to begin our definition from a supposedly neutral point, at least from a theoretical-psychological point of view. The *American Heritage Dictionary* (2004) defines the self as *the total, essential, or particular being of a person, the essential qualities distinguishing one person from another, the individuality; the consciousness of their own being or identity; their personal interests, well-being or advantage (...) the ego,*” and “*that which the immune system recognises as belonging to the body.*”

Thesaurus (1995) defines the self as the awareness of what constitutes his essential nature and distinguishes him from all others. There are certain fundamental characteristics we consider the self as possessing.

Firstly the self includes both mind and body, thereby permitting the individual to know at all times what is “him” (I) and “not-him” (Not-I), both psychically and somatically. It thus allows the individual a sense of self-reference, simultaneously distinguishing himself from the world.

Secondly, the self exists always along a spectrum of what we call referential bipolarity – in other words, it distinguishes itself from *another*, and this implies the capacity to perceive the existence of *an other* (or other thing). The true self can never exist in a state of absolute autism, but must always be in a condition of existential dualism.

Thirdly, the self is introspective and analytical, and not merely perceptive. Consciousness of the self requires one to be conscious of *what one is* as well as *how one is* (which together determine *who one is*), apart from being aware that *one in fact is* (exists).

próprio em contraste com os outros. É esta capacidade que, em nossa opinião, permite o crescimento, a partir duma autopercepção adequada e mais consciente, ainda que possa dar azo a uma autocrítica paralisante, redutora e fechada.

Por último, o *Self* é evolutivo e temporal, na medida em que se desenvolve acompanhando o desenvolvimento integral do ser humano. A partir do momento em que se inicia no seu processo de complexificação, tem inerente a si uma consciência da sua temporalidade. Permite que haja um conhecimento do *quando* e do *como foi*, e fundamentalmente, mesmo com mudanças (im)previsíveis, *como espera ser* no futuro, apesar de se manter a noção identitária de que *será sempre o mesmo Self*.

### **Estrutura e organização funcional do Self**

Podemos pensar que o *Self* possui vários componentes funcionais, que representam “valências” que num todo integrado formam uma unidade. Para que haja um *Self* integral, adequadamente eficaz, ou funcionante (capaz de garantir a segurança, a adaptabilidade, o crescimento saudável, a capacidade de resolução de problemas e a manutenção de um funcionamento neuropsicológico e somático harmonioso), todos os componentes do *Self* devem estar presentes e plenamente operacionais. Estes elementos relacionam-se entre si numa dinâmica gestáltica, de tal forma que o *self* total unificado não se resume ao somatório dos componentes funcionais individuais. Estes variam em número e nome, dependendo dos autores e das fontes consultadas, mas propomos aqui os seguintes – autoconsciência, auto-conceito e auto-controlo.

A **autoconsciência** (*self-awareness*): esta será a primeira valência funcional a desenvolver-se, a partir da qual o indivíduo consegue distinguir que existe, enquanto entidade. O processo de autopercepção começará com a experienciação, pelo próprio, de sensações corporais interiores; seguir-se-á o reconhecimento de estímulos exteriores (e a percepção dos limites do “eu” contra o “não-eu”). Finalmente, desenvolver-se-á a autopercepção mental, que permite uma consciência dos estados mentais e das cognições, do humor, a própria consciência de ter consciência. Esta última evolução da autopercepção pode ser denominada de autoconsciência (*self-consciousness* ou *consciousness of the self*).

O **autoconceito** (*self-concept*) ou **auto-identidade** (*self-identity*): resulta da função de autopercepção e, ao longo do tempo, permite a criação de um “bilhete de identidade” ou “*curriculum vitae*” mental que possibilita ao *Self* ter uma imagem e uma avaliação de si. A noção de autoconceito engloba, então, dois

These capacities for introspection and analytical reflection give the self a critical capacity, which is fundamental in allowing it to evaluate itself in contrast with others. In our opinion it is this capacity that permits growth in the healthy individual, although under adverse conditions it may likewise give rise to a paralysing and reductive self-criticism.

Fourthly, the self is evolutive and temporal, in that it develops in pace with a person’s total growth and development. From the moment that it begins its process of complexification, it poses inherent in itself a consciousness of its own temporality. This permits the knowledge of *when* and *how one was*, and fundamentally, even in the face of predictable or unpredictable change, the expectation of *how one will be* in the future, while maintaining at all times the notion of a personal and constant identity - the conviction that one will *always be the same self*.

### **Structure and functional organisation of the self**

The self may be considered as possessing various functional components, within a unified whole. We stress that we view these components rather as functional valences of the integral self, and do not have a mechanistic or structural view of the self, where these components would be seen as independent building-blocks. If a complete, adequate, efficient and functional self is to exist (one that guarantees security, adaptability and problem solving, healthy growth and the maintenance of harmonious neuropsychological and somatic functioning), then all valences of the self must be present and fully operational. These elements are related to one another in a Gestaltic fashion, such that the unified total self is not merely the sum of the individual functional components. These components vary in number and name depending on the sources, but we propose the following three – self-awareness, self-concept or self-identity, and self-control or self-autonomy.

**Self-awareness.** This would be the first functional valence to come into existence and through it the individual would be able to be aware of his existence, as an entity. The process of self-awareness begins with the individual experiencing first internal bodily sensations; next would come the recognition of external stimuli (and with the distinction between the two, the perception of the boundaries of “I” and “not-I”). Finally, mental self-awareness develops, permitting the awareness of mental states and cognitions, mood, and the awareness of being aware. This final evolution in self-awareness may be called

movimentos: o de autopercepção e o de avaliação dessa própria percepção (Tap, Hipólito, Nunes, 2006). Este “componente” do *Self* inclui características físicas, psicológicas e sociais, e é influenciado por atitudes, hábitos, valores, crenças e ideias. Estas características adquirirão um determinado padrão, um todo que é definido como autoconceito ou autoidentidade. Fundamental é o elemento de constância – o autoconceito permanece constante ao longo da vida, ainda que de uma forma mais ou menos flexível. Estamos em crer que os elementos “identitários” (“*quem eu sou*”) mantêm-se particularmente constantes, enquanto que as condições de valor são mais flexíveis e mutáveis (“*o que eu sou*”).

O indivíduo tem consciência de ser sempre o mesmo, e as mudanças que acontecem ao longo da vida devido à experiência (interna e externa) são incorporadas no *Self* básico, permitindo o crescimento (que implica mudança), mas sem causar uma alteração da identidade fundamental do indivíduo.

Daqui percebemos que o autoconceito é construído gradualmente ao longo das experiências subjectivas, estando, por isso sujeito a pressões, distorções e escotomizações, tanto favoráveis como desfavoráveis. Constitui o resultado da integração organizada de uma multiplicidade de percepções; finalmente, possui uma natureza dinâmica mas ao mesmo tempo estável, no seu núcleo identitário básico (Boeree, 2006a).

De acordo com Weiten (1992), a tendência organizativa do autoconceito torná-lo-á mais ou menos impermeável a todas excepto as mais marcantes experiências, permitindo assim a manutenção de uma identidade constante face a numerosas experiências que poderiam ser indutoras de mudança. O autoconceito, geralmente resiste a mudanças que desafiam a imagem do *Self* pré-existente. O autoconceito terá, assim, uma tendência para a auto-protecção, no sentido da manutenção da estabilidade identitária.

A natureza dinâmica do autoconceito fá-lo manter-se em interacção com o meio e com as experiências; fá-lo também procurar crescer e desenvolver-se de forma a ser mais como é e ao mesmo tempo mais e mais complexo do que é.

Podemos ainda propor uma terceira função fundamental do *Self*: o **autocontrolo** ou **autodomínio** ou **auto-autonomia** (a que chamaríamos *self-control* ou *self-autonomy* em Inglês). Um funcionamento saudável e eficaz do ser humano<sup>2</sup> necessita que o indivíduo

*self-consciousness* or strictly speaking, *consciousness of the self*.

**Self-concept or self-identity.** Over time, self-awareness creates a mental *curriculum vitae* that makes it possible for the self to have an image and an opinion of itself. The notion of the self-concept or self-identity includes therefore two separate movements: that of self-perception and that of the evaluation of that perception (Tap, Hipólito, Nunes, 2006). This function of the self includes physical, psychological and social characteristics, and is influenced by attitudes, habits, values, beliefs and ideas. These characteristics gradually acquire a determined pattern, a whole that is defined as the self-concept or self-identity. Fundamental in this is the element of constancy – the self-concept remains constant, although flexible, throughout life. We believe that the “identitary” elements (“*who I am*”) remain particularly constant, while more value-laden appraisals (“*what I am*”) are more flexible and mutable.

The individual is conscious of always being the same person, and the changes that happen throughout life as result of external and internal experience are incorporated into the basic self, permitting growth (which implies change), but without altering the individual’s fundamental identity.

Thus we understand that self-concept is gradually built over the course of subjective experiences, being therefore subject to pressures, distortions and scotomatizations, both favourable and unfavourable. It represents the result of the organized integration of a multiplicity of perceptions; in the end it possesses a nature that is both dynamic and at the same time stable in its basic nuclear identity (Boeree, 2006a).

According to Weiten (1992), the organizing tendency of self-concept makes it largely impermeable to all except the most significant of experiences, thereby permitting the maintenance of a stable identity in the face of the numerous experiences that might cause change. Self-concept generally resists changes that challenge the pre-existing image of the self. Self-concept therefore has a tendency towards self-protection by maintaining a stable identity. The dynamic nature of the self-concept makes it interact constantly with the environment and with perceived experiences; it also makes it seek to grow and develop in such a way as to be more like itself and at the same time more, and more complex, than it is.

**Self-control or self-autonomy.** We propose a third fundamental function of the self. To function

2 Por, eficácia, referimo-nos principalmente à capacidade de viver no Mundo e com os outros, a capacidade de agir e interagir de forma a garantir a estabilidade, segurança e harmonia psicossomática pessoal.

mantenha um controlo sobre si próprio, isto é, que predomine um *locus* de controlo interno, motivado pelas experiências e necessidades subjectivas. Necesita de poder e capacidade de agir por si e para si, em função de si, e no seu interesse. O indivíduo com um *Self* saudável tem consciência de ser autónomo – de poder e ter capacidade para decidir, o que não implica não reconhecer as vantagens de ter conhecimento dos outros.

Esta noção de autocontrolo está, apesar da sua relativa independência, associada a duas noções anteriores, na medida em que uma autoconsciência alargada possibilitará um autoconceito positivo e realisticamente adequado, levará o indivíduo a ter consciência das suas próprias necessidades e da sua supremacia sobre outras variáveis, facilitando a manutenção do autocontrolo.

### I. Conceitos Psicológicos Clássicos do *Self*

Têm sido vários os estudiosos que têm contribuído para o desenvolvimento e aprofundamento do conceito de *Self*. Procuraremos abordar alguns, cujas ideias têm permitido alargar a discussão em torno deste conceito.

#### Charles Darwin

Em 1877, Darwin publicou uma descrição do desenvolvimento de um dos seus filhos ao longo dos primeiros 3 anos de vida. Das suas notas ressalta a crescente autonomia motora e volicional da criança, propiciada pela interacção com o meio desde o seu nascimento (sons, temperatura, proximidade do seio materno, etc.). Esta interacção é inicialmente *instintiva e reactiva*, e progressivamente vai-se tornando mais dependente da vontade. (Darwin, 1877).

Considerando as descrições deste autor, e atentando no conceito que serve de tema ao presente artigo, percebemos que, desde cedo, primeiro através de reacções reflexivas e depois através duma interacção intencional, vai-se desenvolvendo uma crescente consciência do que é o *Self* e o não-*Self*. A natureza idiossincrática do desenvolvimento também é observável; Darwin reflecte sobre as diferenças observadas entre os seus filhos na mesma idade.

Falando do desenvolvimento do seu filho, Darwin conta que *como a criança foi educada trabalhando unicamente os seus bons sentimentos, ele prontamente ficou tão verdadeiro, aberto e ternurento como qualquer pessoa poderia desejar*. Para além de ser uma fortíssima declaração a favor da influência do meio, da modelagem e das aprendizagens sobre o comportamento e a personalidade, estes exemplos são demonstrativos dos vários factores que levam ao desenvolvimento normal

in a healthy and efficacious way<sup>1</sup> the individual needs to maintain control over himself – he needs a predominantly internal locus of control, motivated by subjective needs and experiences. He needs the capacity to act by himself and for himself, in function of himself, and in his own interests. The individual with a healthy self is conscious of being autonomous- of being able to decide and act, which does not imply not recognising the advantages of being aware of others.

This notion of self-control, despite its relative independence, is associated to the two previous notions, in as much as a broad self-consciousness permits the existence of a positive and realistically adequate self-concept, which in turn makes the individual conscious of his own needs, and their supremacy over other variables, facilitating the maintenance of self-control.

### I. Classical Psychological Concepts of the *Self*

Various authors have contributed to the development and understanding of the concept of the self. We propose to discuss some of the ideas of earlier authors we consider to be fundamental in this regard.

#### Charles Darwin

In 1877 Darwin published a description of the development of one of his children throughout the first three years of his life. From his notes one can see the child's growing motor and volitional autonomy, often stimulated by its interaction with the environment (sounds, temperature, and proximity of the maternal breast, etc.) this interaction is initially *instinctive and reactive*, but progressively becomes more dependent upon the will (Darwin, 1877)

Considering Darwin's descriptions, and keeping in mind the central theme of this article, it seems obvious that from early on, first due to reflexive reactions, and afterwards due to intentional interaction, the child develops a growing consciousness of what is self and non-self. The variable nature of human development is also observable, as Darwin reflects upon the differences he observes between his various children at the same age.

Speaking of his son's development, Darwin describes how "As this child was educated solely by working on his good feelings, he soon became as truthful, open, and tender, as anyone could desire".

<sup>1</sup> By efficacy we mean especially the capacity to live in the world and with others, the capacity to act and interact in such a way as to guarantee personal stability, security and psychosomatic harmony

dum *Self* – factores biológicos hereditários, experiência pessoal, o meio e a aprendizagem de valores externos. Meio século antes de começarem a aparecer as escolas de psicologia, Darwin esclarece-nos que todas elas serão meras explicações parciais na nossa compreensão do desenvolvimento do *Self*.

Darwin afirma acreditar que desde tenra idade a criança compreende o significado dos sentimentos dos que interagem com ele, geralmente pelas suas expressões, entoações de voz e gestos. Esta capacidade de “ler” os outros e o meio vai dando significado ao mundo e vai permitindo à criança aferir o seu comportamento e atitudes, através dos efeitos que tem sobre os outros. Ela aprende a conhecer-se a si através dos outros. Na sequência disso virá a capacidade de compreender significados interiores pessoais (Darwin, 1877).

### **William James e a Estrutura e Génese do Self**

James (1890/2006), na sua obra *Principles of Psychology*, dedicou um capítulo à questão da consciência do *Self*. James define o *Self* em geral como *tudo aquilo que um Homem chama eu*, e ao conjunto das coisas que chama “minhas”, que lhe pertencem, mas não são “ele”. No sentido mais geral o *Self* é *a soma total de tudo que um Homem pode chamar dele, incluindo o seu corpo, os seus bens materiais e os seus poderes mentais*.

James divide este *Self* geral em várias partes: os seus constituintes, as sensações e emoções por si desencadeadas (*self-feelings*), e as actividades e acções associadas (*self-seeking, self-preservation*). Relativamente aos seus constituintes, James define-os como o *Self* material (constituído pelo corpo e pelas suas coisas), o *Self* social, o *Self* espiritual (as faculdades mentais) e o Ego puro.

Constatamos, assim, que para este autor existia um *Self* primário, fundamental ou puro, o *Ego*, o cerne da existência como entidade mental, e seria este que permitiria a existência de todos os outros *selves*, resultando num *self* geral. Este é o *self de todos os selves*.

Para a origem deste *Self* puro, ou *Ego*, James recorre a Wundt. Para este, a autoconsciência surge da “apercepção” (*apperception*<sup>3</sup>) de sensações corporais, como a tensão muscular, que permitiria uma consciência crescente da posição e dimensão do corpo no espaço. Inicialmente sensorial, esta autoconsciência começaria progressivamente a ter percepção dos actos da vontade. A consciência da apercepção, inclusivamente da

Apart from being a powerful declaration in favour of the influence of the environment on the development of personality, of modelling and of the learning of behaviour, these examples are clearly demonstrative of the various factors that lead to the development of a healthy self. These include hereditary biological factors, personal experience, the environment, and the learning of external values. Half a century before the appearance of the schools of psychology, Darwin shows us that they will each be only partial explanations towards our understanding of the development of the self.

Darwin claims that from a tender age a child is able to understand the meaning of the feelings of those that interact with it. This is achieved through the understanding of the tone of voice, gestures and expressions of others. This capacity to “read” others and the environment progressively gives meaning to the child’s world and allows him to evaluate and check his behaviour and attitudes by the effects they have on others. He learns to know himself through others. Following on this comes the capacity to understand personal, internal, meanings (Darwin, 1877).

### **William James and the Structure and Genesis of the Self**

In his *Principles of Psychology*, James (1890/2006) dedicates a chapter to the question of the consciousness of the self. James defines the self in general as “everything that a man calls me”, and to the set of things that he calls “mine”, which belong to him but are not “him”. In a more general sense the self is “the sum of all that a man can call his, including his body, his material possessions and his mental powers.”

James divides this general self into various parts: its constituents, the sensations and emotions that it elicits (*self-feelings*), and the activities and actions associated with it (*self-seeking, self-preservation*). Regarding its constituents, James defines them as the material self (composed of the body and its things), the social self, the spiritual self (the mental faculties) and the pure Ego.

We can thus see that for this author there exists a primary, fundamental or pure self, the Ego, which is the centre of all existence as a mental entity. It is this self that permits the existence of all other selves, resulting in the formation of a general self. The pure Ego is therefore the *Self of all selves*

For the origin of this pure self James cites the ideas of Wundt, for whom self-consciousness arises

3 Termo usado por Wundt, genericamente equivalente à percepção, mas mais sugestivo de um processo determinista, como se fosse o acto de ter uma percepção.

vontade da própria mente, contraía-se de tal forma que chegava ao ponto de poder considerar o próprio corpo e actividade mental como objectos de contemplação, como se fossem externos ao próprio *Self*. A consciência, contraída ao processo de apercepção, seria o *Ego* puro, o *Self* que teria consciência de si próprio.

James considera a [manutenção da] consciência do *Self* como sendo essencialmente uma função da memória, inserida na corrente do pensamento. O núcleo daquilo a que o Homem chama “eu” é a existência total presente no momento. Cada parte da corrente do pensamento recorda, no momento presente, todas as coisas que são “eu” e que são “minhas”; também recorda todas as coisas que vieram antes e que eram “eu” ou “minhas”.

As ideias de James fornecem-nos um modelo no qual os elementos constantes da memória fluem na corrente do pensamento, vão permitir a manutenção da constância da identidade do *Self*, mas de uma forma flexível, possibilitando que pequenas mudanças progressivas sejam incorporadas no *Self* em desenvolvimento. Desde que o novo acontecimento apercebido pelo *Self* no instante não seja demasiado distinto da memória imediata antecedente, ele será tomado como próprio e incorporado na corrente do pensamento. Este será, então, um elegante modelo da orientação natural do *Self* para o crescimento, constante e no entanto flexível.

### M. Whiton Calkins e a Psicologia Funcional do *Self*

Calkins (1908) definiu o *Self* como um facto basal da Psicologia, uma realidade absoluta para o psicólogo, *tal como uma planta para o botânico ou um nervo para um neurologista*, e que dispensava justificações filosóficas.

Esta autora atribuía certas características “positivas” ou fundamentais ao *Self*, as quais evidenciariam a sua distinção das ideias (ou cognições). Passamos a apresentá-las.

Assim, a primeira é a sua “persistência”, aquilo que na nossa opinião poderemos denominar de constância. O *Self* é sempre imediatamente recordado como sendo o mesmo, ao contrário das ideias que são passageiras e mutáveis. A segunda é a capacidade de inclusão do *Self*, na medida em que inclui uma mistura complexa de ideias, funções e experiências. Em terceiro, o *Self* é “único”, a *consciência dum isto que não poderá ser substituído por outro*. Calkins salienta que esta característica do *Self* o distingue fundamentalmente das ideias, já que o *Self* pode alterar as suas ideias sem alterar a sua identidade, para além de que várias ideias

out of the “apperception”<sup>2</sup> of bodily sensations, such as muscular tension, thus permitting a growing consciousness of the position and dimension of the body in space. Initially sensory, this self-consciousness begins to progressively perceive acts of the will. The consciousness of apperception, including those of the will of the mind itself, would contract down in such a fashion that it would begin to consider its own body and mental activity as objects of contemplation, as if they were external to the very self. Thus consciousness, contracted to the process of apperception, would be the pure *Ego*, the self that is conscious of itself.

James considers (strictly speaking, the maintenance of) the consciousness of the self as being essentially a function of memory, inserted within the stream of thought. The core of what man calls “me” is the total existence present at a moment. Each part of the stream of thought remembers, in the present moment, all things that are “me” and “mine”; it also remembers all things that came before and were “me” or “mine”.

James’s ideas allow us to consider a model in which the constant elements of memory flow within the stream of thought and will maintain the constancy of the identity of the self, but in a flexible way such that small changes may be incorporated into the developing self. As long the new event perceived by the self at a given moment is not too distinct from the previous immediately recalled memory, it will be taken as belonging, and incorporated into the stream of thought. This we believe provides us with an elegant model of both the constant and yet flexible, growth-oriented nature of the self.

### Mary Whiton Calkins and the Functional Psychology of the *Self*

Calkins (1908) defined the self as a basal fact of Psychology, an absolute reality for the psychologist much as *a plant is for the botanist or a nerve for a neurologist*, and which dispensed philosophical justifications.

This author attributed certain “positive” or fundamental characteristics to the self, which distinguished them from the ideas (or cognitions).

The first is its *persistence*, or that which in our opinion may be called constancy. The self is always immediately reminded of being the same, as opposed to ideas which are transient and changing. The

<sup>2</sup> Term used by Wundt, generically equivalent to perception, but more suggestive of a deterministic process, such as the act of perceiving.

conflituosas podem ser vivenciadas como pertencendo ao mesmo *Self*. Por último, o *Self* é “relacional”. Ele não é só *um isto e não aquilo, mas um isto em relação com aquilo*, ou seja, existe sempre uma percepção do outro ou da outra coisa (Calkins, 1908).

Esta capacidade do *Self* distinguir entre “si” e “não-si” inclui a capacidade de reconhecer produtos do próprio *Self* – por exemplo, as ideias dum Homem são dele, mas não são ele. Ele consegue porém distinguir as ideias que são dele das que são doutro. Calkins frisa que a distinção entre o *self* e os Outros (humanos e não humanos) é fundamental para poder haver consciência do próprio *Self* – ninguém existe sem ser alguém e isso só é possível em relação a outros. Dito doutra forma, o *Self* puro existe a partir do momento que tem percepção que há “algo” para além de si, e a sua identidade só pode existir num contexto de relação entre si e outro (ideia que, mais tarde, certamente seria do agrado de Carl Rogers e outros humanistas).

Vários anos depois, em 1930, Calkins viria a reiterar que a Psicologia do *Self* tem três concepções de base – o *Self*, o objecto e a relação entre os dois. Na sua opinião, toda a Psicologia se resumia a uma psicologia do *Self*, a psicologia “personalística” ou existencial.

## II. Conceitos Psicanalíticos do *Self*

### Freud e seus contemporâneos

No pensamento clássico Freudiano não encontramos reflexões alargadas dedicadas ao *Self* propriamente dito, nem o termo é seriamente usado por Freud (Storr, 1989; Jesuíno, 2002). Também o seu conceito do *Ego* é diferente do proposto por Wundt e James.

Olhando a teoria tripartida da mente de Freud (nomeadamente a segunda tónica) (Freud, 1923/1989), vemos que todas as funções básicas do *Self* estão reparadas entre *Ego*, *Superego* e *Id* – a sua persistência ao longo do tempo, a sua origem a partir de fundamentos primitivos e básicos do *Id*, a sua inclusão idiosincrática de variadas experiências para formar um todo coeso, e especialmente as suas funções relacionais efectuadas por *Ego* e *Superego*.

Poderá o modelo psicanalítico da mente ser visto numa perspectiva do *Self*? Calkins (1930) era da opinião que sim. Para ela o *Ego* psicanalítico seria o *self* consciente, o *Id* poderia ser concebido na forma de um *Self* dissociado, e o *Superego* seria uma personalização crítica.

Resumindo, podemos considerar que os conceitos mais clássicos da psicanálise podem ser tidos como uma visão do próprio (o autoconceito), baseado em

second is the capacity for *inclusion*, in that the self includes a complex mixture of ideas, functions and experiences. Thirdly, the self is *unique, the consciousness of a this that cannot be substituted by another*. Calkins believes that this particular characteristic of the self is what distinguishes it fundamentally from the ideas, given that he self may alter its ideas without altering its identity, as well as being able to hold various conflicting ideas at the same time and still experience them all as belonging to itself. Lastly, the self is *relational*, it is not merely *a this and not that, but is a this in relation to that*. In other words, there is always a perception of the other or other thing (Calkins, 1908)

This capacity of the self to distinguish between “me” and “not-me”, includes the capacity to recognise products of the self. For example, a man’s ideas are his, but are not him. He can, however, distinguish his ideas from those of another. Calkins emphasises that the distinction between the *Self and Others* (people and things) is fundamental in permitting the existence of consciousness of the own self – nobody exists without being *someone*, and this is only possible in relation to *some other*. Said in another way, the pure self exists from the moment it perceives the existence of something apart from itself, and its identity can only exist in a context of relation between itself and another (an idea that later certainly would have pleased Carl Rogers and other humanists).

Several years later, in 1930, Calkins reiterated that the Psychology of the self has three basic conceptions – the self, the object and the relationship between the two. In her opinion all of Psychology was resumed to a psychology of the self, a “personalistic” or existential psychology.

## II. Psychoanalytical Concepts of the Self

### Freud and his contemporaries

Classical Freudian thinking pays scant attention to the self, nor is the term seriously used (Storr, 1989; Jesuíno, 2002). Freud’s concept of the *Ego* is also different from the one proposed by James and Wundt.

In Freud’s Tripartite Theory of the Mind, (namely the second topic) (Freud, 1923/1989), we see that all the basic functions of the self are divided between *Ego*, *Superego* and *Id* – its persistence over time, its origin from basic and primitive *Id* elements, the idiosyncratic inclusion of various experiences in such a way as to form a cohesive whole, and most especially the relational functions carried out by the *Ego* and *Superego*.



percepções reais e distorcidas, e nos relacionamentos com outros significativos (o *Self* relacional).

Na nossa opinião, a diferença maior entre o conceito clássico do *Self* e o modelo psicanalítico da mente reside na visão dum todo *Gestaltico* de autores como James e Calkins, composto de funções inseparáveis, enquanto que Freud dava autonomia e importância aos *selves* parciais de *Id*, *Ego* e *Superego* que, apesar de nunca funcionarem como um todo, funcionavam numa interdependência dinâmica.

Bergeret (1997) considera que a psicanálise deve usar o termo *Self* porque este é um conceito que precede o do *Ego*. Este autor afirma que o *Self* é o *precursor narcísico* do *Ego*, que por sua vez é mais objectal e Edipiano.

#### H. Kohut e D. Stern – a Psicologia do Self

Apesar das diferenças entre as ideias destes dois teóricos, foram psicanalistas modernos como Kohut e Stern que recuperaram o *Self* para a Psicanálise, substituindo o *Ego* das pulsões. As suas ideias eram sustentadas numa visão mais positiva do Homem – uma visão relacional e humanista, que valorizava as suas características humanas, em contraste com a visão freudiana determinista e sombria (que mesmo a evolução para a Psicologia do *Ego* e posteriormente para a Teoria de Relações Objectais não alterou).

Heinz Kohut divergiu da ortodoxia Freudiana e desenvolveu uma corrente teórica a que chamou Psicologia do *Self* (*Self Psychology*) (Newton, 1996). Ao contrário da “escola-mãe”, a psicologia de Kohut colocava ênfase na empatia do terapeuta<sup>4</sup> pelo cliente e valorizava a natureza humanista e relacional do *Self*.

Para este psicanalista, o desenvolvimento saudável do *Self* implica um conjunto de necessidades básicas fundamentais como as de (a) “alterego” (relações humanas), (b) de idealização (ligação a uma figura segura) e (c) de “espelho” (ser compreendido e apreciado). Quando estas necessidades não são satisfeitas ou são exageradas, o resultado pode ser o desenvolvimento de personalidades anormais ou de um estado de “fragmentação” (um estado de sofrimento psíquico indicativo de ameaça à coesão do *Self*).

Para Kohut, o *Self* era um conteúdo do aparelho psíquico, não sendo, contudo, nenhum dos seus cons-

Can the psychoanalytical model be seen from a perspective of the self? Calkins (1930) was of the opinion that it could. For her the psychoanalytical *Ego* was the conscious self, the *Id* could be conceived as a form of dissociated self, and the *Superego* was a critical personalization of the self.

In summary therefore we may consider that the classical psychoanalytical concepts represent a view the self (the self-concept), based on both real and distorted perceptions, and on the meanings of relationships with various significant others (the relational self)

In our opinion the major difference between the classical concept of the self and the psychoanalytical model resides in the vision that authors such as James and Calkins had of a *Gestaltic* whole, composed of inseparable functions, while Freud gave much greater autonomy and relevance to the “partial selves” in the form of *Ego*, *Superego* and *Id*, which, although never functioning as a whole, maintained at all times a dynamic interdependence.

Bergeret (1997) claims that psychoanalysis should use the term self because this concept precedes the one of the *Ego*. He believes the self to be the *narcissistic precursor* of the *Ego*, which in turn is more “objectal” and Oedipal in nature.

#### H. Kohut and D. Stern – the School of Self Psychology

Despite the differences between these two theorists, it was modern psychoanalysts like Kohut and Stern that brought the self back to Psychoanalysis, substituting the drive-based *Ego*. Their ideas rest on a much more positive view of Man – a vision both relational and humanistic, that valued its essentially human characteristics, in contrast with the darker and deterministic Freudian view that even the evolution to the schools of *Ego Psychology* and *Object-Relations Theory* had not altered.

Heinz Kohut diverged from the Freudian orthodoxy he had once so staunchly defended and developed a theoretical school called *Self Psychology* (Newton, 1996). Kohut’s psychology emphasized the therapist’s empathy<sup>3</sup> for the client and valued the humanistic and relational nature of the self.

4 Uma leitura das ideias de Rogers e de Kohut leva inevitavelmente o leitor a ver paralelos significativos entre os dois, algo que tem sido alvo de controvérsia, especialmente no que respeita à questão da empatia. A nossa opinião é que as diferenças são talvez menores do que as semelhanças, e prendem-se essencialmente na forma como é aplicada clinicamente cada abordagem, especialmente “ao uso que é dado” à empatia pelo terapeuta. Ambas são claramente “centradas-no-*Self*” (Cain, 2002; Kahn, 2002).

3 The reading of Rogers’ and Kohut’s ideas leads one inevitably to see significant similarities between the two, something that has been the source of much controversy, especially regarding the question of empathy. We believe the differences are probably less than the similarities, and have essentially to do with the way empathy is used clinically in the two therapeutic models. Both are clearly “centred-on-the-self” (Cain, 2002; Kahn, 2002).

tituintes, isto é, nenhuma das instâncias da mente; seria formado através da internalização de determinado tipo de objectos com os quais o indivíduo estabelecia um vínculo narcisista: os objectos do *Self* (Kohut, 1971, cit. por Bleichmar & Bleichmar, s.d.).

De acordo com Strozier, Kohut terá abandonado a teoria das pulsões como motor da vida mental e do desenvolvimento a favor da ênfase nos relacionamentos simbólicos e directos do *Self* com o Mundo (2001).

Segundo Susske (1997), o conceito de *Self* de Kohut era de um *sentido de ser um centro independente de iniciativa e percepção* (o *self* puro, activo e perceptivo), de *estar integrado com as nossas ambições e ideias mais centrais* (o *Self* espiritual) e *com a nossa experiência que o nosso corpo e mente formam uma unidade no espaço e um contínuo do tempo* (o *Self* persistente, inclusivo e único).

Voltando-nos agora para as ideias de Stern, segundo Gabbard, o primeiro vê o processo de desenvolvimento do *Self* como ocorrendo em vários domínios de “sentidos do self” (*senses of Self*). A criança nasce com um *Self emergente* que é essencialmente fisiológico (coerente com a ideia de Wundt e James da origem sensorial do *Ego* puro). A partir dos 2 até aos 6 meses, desenvolve um *Self nuclear*, ligado à crescente capacidade relacional do bebé. Entre os 7 e os 9 meses surge o *Self subjectivo*, que permite a harmonização entre os estados intrapsíquicos de mãe e filho. Entre os 15 e os 18 meses, começa a ser visível o *Self categórico* ou *verbal*, coincidente com a capacidade para a comunicação verbal e o pensamento simbólico. Entre os 3 e os 5 anos estabelece-se o *Self narrativo* (Gabbard, 2005).

O que julgamos ser importante realçar no pensamento de Stern são as ideias subjacentes ao processo desenvolvimental de um *Self* único, evolutivo e de crescente complexidade, a natureza francamente relacional e positiva dos domínios do *Self*, e as semelhanças com os conceitos repetidamente referidos dos *selves* puro, relacional, persistente, inclusivo e único, que nesta teoria surgem de forma tendencialmente sequencial.

### III. Conceitos Cognitivo-Comportamentais do *Self*

#### A Perspectiva Behaviorista

Para os behavioristas radicais, conceitos como o *Self* e a consciência não eram assuntos válidos de investigação e de consideração científica, uma vez que não eram objectivamente mensuráveis. Não sendo passíveis de medição, a sua pertinência era questionável.

Para Watson e Skinner, a personalidade não era mais do que um conjunto de respostas aprendidas ao

For Kohut, the healthy development of the self implies the existence of a set of basic fundamental needs which are called the (a) alterego (human relations) needs, (b) idealization needs (attachment to a secure figure), and (c) mirror needs (being understood and appreciated). When these needs are either not met or are exaggerated, the result could be the development of abnormal personalities or a state of “fragmentation” (a state of mental suffering indicative of a threat to the cohesiveness of the self).

In Kohut’s view the self was a content of the psychic apparatus but was not one of its components. It was formed through the internalization of certain types of (psychoanalytical) objects with which the individual established a narcissistic attachment: the self objects. (Kohut, 1971, cit. in Bleichmar & Bleichmar, s.d.).

According to Strozier (2001), Kohut abandoned the drive theory as the motor of mental life and development in favour of an emphasis on both the symbolic and direct relationships that exist between the self and the world.

Susske (1997) claims that Kohut’s concept of self was of a *feeling of being an independent centre of initiative and perception* (the pure self, active and perceptive), of *being integrated with our most central ambitions and ideas* (the spiritual self) and *with our experience that our body and mind form a unit in space and a continuum in time* (the persistent, inclusive and unique self).

Let us now consider the ideas of Stern. According to Gabbard, Stern sees the process of the development of the self as occurring in various domains of the *senses of the self*. The child is born with an *emergent self*, which is essentially physiological (coherent with the ideas of James and Wundt of the sensorial origin of the pure *Ego*). From the age of 2 to 6 months a *nuclear self* develops, associated with the child’s growing relational capacity. Between 7 and 9 months appears the *subjective self*, which permits the harmonization of the mental states of the child with those of the mother. Between 15 and 18 months the *categorical* or *verbal self* becomes apparent, coinciding with the acquisition of verbal communication and symbolic thought. Between the ages of 3 and 5 years the *narrative self* becomes established (Gabbard, 2005).

What to us appears striking in Stern’s thinking are the underlying ideas of the development of a unique self, evolutive and progressively more complex, the frankly relational and positive nature of the dominions of the self, and the similarities with the

longo do tempo. Os comportamentos de qualquer indivíduo eram aqueles que progressivamente tinham sido alvo de reforço positivo. A questão de serem “bons” ou “maus” era irrelevante – não sendo dotados de motivações interiores, psíquicas, a panóplia de comportamentos de um dado indivíduo era meramente o resultado de acontecimentos aleatórios (Watson, 1913; Weiten, 1992; Wozniak, 1997; Boeree, 2006a).

Bandura falou em auto-regulação, conceito que em nossa opinião possui paralelismos com uma característica do Self que consideramos fundamental: a sua autonomia. Bandura considerava que uma auto-regulação eficaz era sinónimo de saúde mental. Esta autoregulação envolvia 3 passos: (a) a auto-observação, (b) o (auto) juízo, que é de facto uma comparação do Self com valores exteriores e interiorizados, e (c) a auto-resposta, que é um comportamento autónomo executado pelo próprio (Boeree, 2006b).

Segundo Weiten e Boeree, Bandura terá sido o psicólogo da corrente behaviorista cujas ideias mais se aproximaram do humanismo. Tanto a sua teoria da autoregulação como o conceito do determinismo recíproco (homem e ambiente influenciam-se mutuamente) e da aprendizagem observacional, incluem elementos para além da mera aprendizagem mecânica, onde é evidente o cerne da ideia de que o Homem tem vontade e capacidade de escolha, ainda que não possua o completo domínio sobre elas (Weiten, 1992; Boeree, 2006b).

### A Perspectiva Cognitivista

Qualquer pesquisa bibliográfica na literatura cognitivista do conceito de *Self* ou duma definição do *Self* revela-se largamente infrutífera. Em nossa opinião, os cognitivistas não consideram o *Self* (pelo menos, na sua definição clássica), como uma entidade merecedora de atenção; dedicam-se, compreensivelmente, ao estudo do pensamento (cognições), e substituem o que outras “escolas” (mesmo com significados algo diferentes) denominam de *Self* pelo conceito de personalidade. A manifestação abstracta identitária da personalidade é denominada de autoconceito.

Julgamos que estes conceitos de *Self* e personalidade não são equivalentes. A personalidade não se equipara ao conceito de *Self*, porque será uma construção, como que uma dimensão funcional do próprio *Self*. Resulta da autopercepção, do autoconhecimento, da autonomia do *Self* e da sua capacidade relacional. Como exemplo, podemos considerar que o corpo (nos sentidos anatómico e de representação mental) faz parte do *Self*, mas não é geralmente considerado como parte

repeatedly referred concepts of the pure, relational, persistent, inclusive and unique selves, which here appear in a tendentially sequential fashion.

### III. Cognitive-Behavioural concepts of the Self

#### The Behavioural Perspective

The radical behaviourists did not consider the self or consciousness to be valid areas of investigation and scientific inquiry in that they were not objectively measurable. Not being measurable, their pertinence was questionable.

For Watson and Skinner the personality was nothing but a set of learned responses, acquired over time. The behaviours demonstrated by any individual were nothing more than those that had been positively reinforced over time. The question of their being “good” or “bad” was irrelevant – by virtue of not possessing internal, psychic, motivations, the repertoire of behaviours an individual possessed was seen as merely the result of random events (Watson, 1913; Weiten, 1992; Wozniak, 1997; Boeree, 2006a).

Albert Bandura spoke about *self-regulation*, a concept which in our opinion has much in common with a characteristic of the self we consider fundamental: its autonomy. For Bandura, effective self-regulation was synonymous of mental health. This self-regulation involved 3 steps: (a) self-observation, (b) (self-) judgement, which is comparison of the self to external and to internalized values, and (c) self-response, which is an autonomous behaviour carried out by the person (Boeree, 2006a)

Weiten and Boeree believe Bandura to have been the psychologist from the behavioural field whose ideas came closest to the humanistic viewpoint. Both his theory of self-regulation and his concept of reciprocal determinism (man and the environment mutually influencing one another), as well as his description of observational learning, include elements that go beyond mere mechanical learning. There is clearly a central idea of Man’s will and the freedom to choose, although it is still, in this view, partial (Weiten, 1992; Boeree, 2006b).

#### The Cognitive Perspective

Any search of the cognitivist literature for a discussion or definition of the self is largely fruitless. In our opinion, the cognitivists do not consider the self, at least in its classical definition, as an entity worthy of attention. They dedicate themselves, understandably, to the study of thought (cognitions) and subs-

da personalidade; esta, sim, é geralmente considerada parte do *Self*.

#### IV. Conceitos Humanistas do *Self*

Sendo o humanismo uma orientação teórica que dá ênfase às qualidades únicas das pessoas, com especial destaque para a sua liberdade e potencial de crescimento pessoal (Weiten, 1992), é característica dos teóricos desta corrente a visão positiva da natureza humana, no sentido do crescimento e da adaptação tendencialmente perfeita. A sua visão do *Self* é essencialmente fenomenológica, ou seja, a valorização recai sobre a experiência subjectiva de cada pessoa.

Após uma abordagem sucinta das ideias de Maslow, precursor da Psicologia Humanista, debruçar-nos-emos sobre as ideias de C. Rogers acerca do *Self* e do seu desenvolvimento.

##### A. Maslow

Maslow<sup>5</sup> é certamente o primeiro dos psicólogos humanistas, com maior relevância no século passado. A sua contribuição para o conceito de auto-actualização (*Self-actualization*) e a sua Teoria da Hierarquia das Necessidades são, de facto, um modelo de funcionamento e estrutura do *Self*. Nesta última Maslow organizou as necessidades humanas hierarquicamente (por ordem de crescente valor “espiritual”): as necessidades fisiológicas, de segurança, de afinidade, de estima e finalmente a necessidade de auto-actualização, a menos necessária para a sobrevivência física mas a mais expressiva da condição humana. A partir das necessidades de afinidade todas podem ser vistas como manifestações do *Self* relacional. (Pervin & John, 2004).

Como humanista, Maslow vê o *Self* imbuído de uma força direccionada, que procura o crescimento e a actualização pessoal constante. Esta busca leva o indivíduo ao “último” patamar de necessidades, que têm a particular característica de serem sempre positivas, e de aumentarem quanto mais são satisfeitas, sem isso ser uma reflexão dum estado de falta; ou seja, as necessidades de auto-actualização são procuradas porque são inerentemente gratificantes, e não porque eliminam um desconforto (Maslow, 1941; Maslow, 1943; Weiten, 1992; Boeree, 2006c).

---

5 As teorias de Maslow foram alvo de críticas por serem baseadas em modelos pouco representativos da Humanidade em geral (ele acreditava que só 2% da população mundial seria auto-actualizante, e das poucas pessoas que ele estudou como casos a esmagadora maioria tratava-se de ocidentais norte-americanos ou europeus).

titute what other “schools” (although with slightly different meanings) call the self, by the concept of personality. The abstract identity manifestation of the personality is then called the self-concept.

We do not believe the concepts of self and personality to be equivalent. The personality differs from the self in that it is a construction, a functional dimension of the very self. It is a result of self-perception, self-knowledge, self-autonomy and the relational capacity of the self. As an example, we may consider the body, which both anatomically and in its mental representation is part of the self; however it is generally not considered as part of the personality. The personality is, however, generally considered part of the self.

#### IV. Humanistic concepts of the *Self*

Humanist theory emphasises the unique qualities of people, especially their freedom and potential for personal growth (Weiten, 1992). Humanist authors characteristically have a positive view of human nature, which they see as tending towards (ideally) perfect growth and adaptation. Their vision of the self is essentially phenomenological, and value is given to the subjective experiences of each person. After a brief approach to Maslow’s ideas, humanistic psychology precursor, we shall lean over Rogers’ ideas concerning self and its development.

##### Abraham Maslow

Maslow<sup>4</sup> is certainly the first of the humanist psychologists of greatest relevance in the last century. His contribution to the concept of self-actualization and his Theory of the Hierarchy of Needs make up in fact a model of the functioning and structure of the self. In his theory, Maslow organized human needs hierarchically according to growing “spiritual” value: physiological, security, affinity, and esteem needs were all considered, in ascending order, to be inferior to the highest need, namely that for self-actualization. This highest of needs was the one least necessary for physical survival but most expressive of the human condition (Pervin & John, 2004). We may consider all the needs from those for affinity onwards as expressions of the relational self.

As a humanist, Maslow sees the self as possessing a directional force which constantly seeks growth and personal actualization. This characteristic leads

---

4 Maslow’s theories were criticised for not being representative of mankind in general (he believed that only 2% of the world’s population was self-actualizing, and the few people he studied as cases were mostly westerners, Americans or Europeans).

## Carl Rogers e a Abordagem Centrada na Pessoa

### 1. As ideias fundamentais

O modelo terapêutico e a teoria psicológica de Rogers foram desenvolvidos progressivamente a partir de 1940, se bem que terá sido o trabalho clínico que fazia desde os anos de 1930 o motor de desenvolvimento das suas ideias. É esta origem clínica do pensamento de Rogers que dota o seu modelo de um cariz extremamente prático, a partir do qual se conceptualizou uma teoria da personalidade e, indissociavelmente, do *Self*.

Começemos com uma visão sucinta das ideias fundamentais da psicologia Rogeriana, proposta por Boeree (2006d). Esta é a mais exemplificativa das abordagens humanistas actuais. O Homem é visto como sendo essencialmente “bom” – não bom num sentido moral (de bem/mal), mas no sentido da própria condição humana de base ser essencialmente “boa”. A natureza humana primitiva, original, é desprovida de conceitos de valor. Inerente a esta condição natural de ser Homem está a tendência natural de ser melhor, no sentido de desenvolver todas as suas capacidades ao limite mais complexo, produtivo, eficiente e adaptativo possível.

Nas palavras de Rogers e Kinget (1977), esta tendência – a Tendência Actualizante<sup>6</sup> – “é a mais fundamental do organismo, na sua totalidade. Preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. Visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar a sua conservação e o seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e os limites do meio.”

Segundo Brites (2005), será este “elemento” o motor do desenvolvimento humano, seja qual for a “forma específica” individual de que este se revista, na interacção com o meio e tendo em conta as condições que lhe são proporcionadas. O corolário óbvio desta ideia é que, perante uma qualquer situação de “bloqueio” no percurso natural de desenvolvimento, se for possível reverter ou aniquilar as condições nefastas, o

the individual to this highest level of needs, which have the particularities of being always positive and of growing the more they are satisfied, without that reflecting a state of deprivation; in other words, the self-actualization needs are sought because they are inherently gratifying and not because they eliminate a discomfort (Maslow, 1941; Maslow, 1943; Weiten, 1992; Boeree, 2006c).

## Carl Rogers and the Person-Centered Approach

### 1. The fundamental ideas

Rogers’ therapeutic model and psychological theory were developed progressively from 1940 onwards, although the clinical work he had carried out since the 30s was the impulse for the development of his ideas. It is the clinical origin of his ideas that gives Rogers’ model its extremely practical nature, and from which developed a theory of personality and the self.

Let us consider a succinct view of Rogers’ ideas, as proposed by Boeree (2006a). The Rogerian model is the most demonstrative of the present humanist schools. Man is seen as being essentially good – not in a moral sense, of good and bad, but in the sense of the human condition as such being essentially good. The primitive, original, human condition is seen as being devoid of moral values. Inherent in the natural condition of being human is a natural tendency to be better, in the sense of always seeking to develop all of one’s capacities to their most complex, productive, efficient and adaptive limit.

According to Rogers and Kinget (1977), this tendency - the Actualizing Tendency<sup>5</sup> - “is the most fundamental of the organism, in its totality. It presides over the exercise of all (other) functions, be they physical or experiential. It aims to constantly develop the individual’s potential for guaranteeing his survival and enrichment, within the possibilities and limitations of the environment”.

According to Brites (2005), the actualizing tendency is the “element” that serves as the motor of

6 Esta capacidade de desenvolvimento, ou complexificação, aplica-se tanto ao pó cósmico que manifesta uma tendência física para se aglomerar na forma de estrelas e planetas, que depois se agregaram em galáxias, etc., como se aplica aos átomos de carbono e nitrogénio que se condensam em aminoácidos, que depois formam proteínas que compõem formas de vida, como se aplica à tendência de cada vida formada ser a melhor forma de vida que os seus genes e o seu ambiente lhe permitem ser. Qualquer entrave que aconteça à realização plena destas capacidades será sempre, de acordo com Rogers, o resultado de factores estranhos que interferem com o processo natural.

5 This capacity for development, or “complexification”, applies equally to the cosmic dust that manifests a physical tendency to aggregate and form stars and planets which then join as galaxies, etc., as it does to the atoms of carbon, oxygen and nitrogen that bind to form amino acids, which then condense to form proteins that make up forms of life., as it does to the tendency of each life-form to be the best possible form of life that its genes and its environment allow it to be. Any obstacle to the full realization of these capacities will always, according to Rogers, be the result of “external” factors that interfere with the natural process

organismo retomará o seu caminho para o crescimento e o progresso, ou seja para a actualização.

Pensamos ser importante realçar aqui como esta ideia nuclear no pensamento de Rogers assenta essencialmente em conceitos não exclusivamente psíquicos. A tendência actualizante do universo e dos seres vivos depende de processos químicos, físicos, genéticos e fisiológicos. A psicologia será apenas uma das muitas manifestações da complexidade da espécie humana.

A ideia fundamental de Rogers, a existência da tendência actualizante, tem uma forte influência *Gestaltica*. Uma consequência do processo de actualização observável em todos os sistemas complexos é precisamente a sua complexidade face aos sistemas simples que os antecedem ou compõem<sup>7</sup>. Daí Rogers introduzir outro conceito, o da tendência à organização – conceito desenvolvido por autores mais recentes, como Hipólito (2005), que introduziu as noções de hipercomplexificação e hiperhipercomplexificação – que não é nada mais do que dizer que a tendência actualizante de sistemas complexos é maior e tem mais potencial que a de sistemas simples, e que a tendência actualizante de um sistema complexo é mais do que a soma dos seus elementos constituintes, isto é, este factor motivacional opera na medida das potencialidades de complexificação de cada organismo ou sistema.

Uma consequência fundamental da complexificação é que esta dota o sistema ou organismo de resiliência, isto é, quanto mais complexo é, maiores são os seus recursos para se auto-organizar em resposta às ameaças. Esta resiliência contém, em si mesma, a ideia de uma flexibilidade adaptativa. É esta capacidade de resiliência que permite diferentes respostas face a mudanças ambientais, permitindo a sobrevivência do organismo, a constância identitária (permitindo a adaptação e resistindo à mutação), o crescimento e o fortalecimento progressivo<sup>8</sup>.

Para o ser humano e os seus estudiosos, um dos “produtos” principais da tendência à complexificação é a mente humana, a entidade *gestaltica* por excelência. Esta terá um papel fundamental nos processos mais complexos de auto-actualização do Homem. Rogers

human development, although it may assume many individual forms in its interaction with the environment and depending on the conditions that it encounters. The obvious corollary to this idea is that, should some obstacle be encountered along the natural path of development, and if this is able to be removed or reverted, the organism will naturally assume its path towards growth and progression, in other words, toward full self-actualization.

We believe it important to emphasize at this point how this idea, central to Rogers’ thinking, essentially rests on what are not exclusively psychological concepts. The actualizing tendency of the universe and living beings depends on processes that are chemical, physical, genetic and physiological. Psychology is but one of the many manifestations of the complexity of the human animal.

Rogers’ fundamental idea, the actualizing tendency, has a strong *Gestaltic* influence. A consequence of the process of actualization that is observable in all complex systems is precisely their very complexity in comparison to the simpler systems that compose them<sup>6</sup>. From here Rogers introduced another concept, the Organizing Tendency – a concept further developed by more recent authors such as Hipólito (2005), who introduced the notions of hyper-complexification and hyper-hyper-complexification, which are nothing more than the recognition that the actualizing tendency of complex systems is more than the sum of their constituent elements. Thus one can say that this motivational factor operates in the measure of the potential for complexification of each particular system or organism.

A fundamental function of complexification is that it provides the organism or system with resilience; the more complex it is, the greater are the resources available for self-organization, in response to adversity. This resilience contains in itself the notion of a flexible adaptability. It makes possible different responses in the face of environmental variation, permits the survival of the organism, and allows for identity constancy (by allowing for adaptation while resisting mutation), growth and progressive strengthening<sup>7</sup>.

7 Vejamos por exemplo a diferença de complexidade de um cérebro face a um núcleo, e este contrastado com um neurónio.

8 O outro lado desta moeda é a especialização – um organismo, sistema ou órgão especializado é pela evolução e complexificação mais capaz de lidar com ameaças dentro das suas áreas de operações, mas menos generalista e capaz de lidar com ameaças estranhas ao seu contexto; por exemplo, um ser humano com uma lesão cerebral fica mais limitado do que um gato com uma lesão semelhante; um homem profissional liberal, urbano, fica mais incapacitado pela esquizofrenia do que um membro de uma tribo dita “primitiva” (Sadock, 2003).

6 We may consider, for example, the complexity of a brain in comparison to a nucleus, and in turn with a neurone.

7 The other side of this coin is specialization – an organism, system or organ specialized through evolution and complexification is more capable of dealing with threats within its field of operations, but is less generalist and able to deal with adversity strange to its particular context. For example, a human with a brain lesion is more limited than a cat with a similar lesion; a professional urban man is more incapacitated by schizophrenia than a member of a “primitive” tribe (Sadock, 2003).

via o desenvolvimento da cultura e da sociedade como resultando da tendência actualizante e complexificação do Homem. Estes dois produtos humanos vão criar, por sua vez, múltiplas oportunidades para a complexificação inerente à tendência actualizante, mas ao mesmo tempo poderão dar origem a uma série de “problemas” que exigirão novamente um movimento de adaptação do organismo humano, quem sabe num processo de complexificação até hoje desconhecido?

## 2. O Modelo Rogeriano do *Self*

### a) Definição

É estranhamente difícil encontrar uma *definição* clara de *Self* nos escritos de Rogers, e até na literatura sobre a Abordagem Centrada na Pessoa. Parece-nos que Rogers geralmente escrevia os seus pensamentos sobre o processo terapêutico tecendo considerações sobre o que observava no decorrer do mesmo, mas terá relegado para segundo plano a sistematização teórica do seu modelo de compreensão da pessoa e de intervenção psicológica. Subentende-se a ausência de uma preocupação com a definição clara de termos e conceitos, e com o uso rigoroso e constante dos mesmos (pelo menos em comparação com outras abordagens)<sup>9</sup>.

Mas não será por isso que a palavra *Self* não aparece na literatura sobre a Abordagem Centrada na Pessoa, seja nas obras da autoria de Rogers ou de outros. Ela aparece, e com grande frequência. Aparece é associada a várias *funções* do *Self*. Estamos em crer que as razões para esse facto serão essencialmente duas. Em primeiro lugar, porque o próprio pensamento de Rogers foi evoluindo, ao longo da sua prática clínica e das investigações por si realizadas, e a rigidificação de um conceito, *a priori*, poderia limitar e restringir a abertura à experiência e à descoberta que Rogers defendia. Em segundo lugar, Rogers valorizava fundamentalmente a questão perceptual, ou melhor, fenomenológica. Para este autor, o mais importante da realidade de um indivíduo era a sua dimensão perceptual ou subjectiva, ou seja, cada indivíduo percebe o seu mundo, e a si próprio, da sua perspectiva pessoal. Sendo assim, faz pouco sentido falar duma realidade objectiva e de outra subjectiva, já que a objectividade não terá valor experiencial e será, no extremo, impossível para todos, clientes ou terapeutas não há observadores neutros, “de fora”. Assim, se considerarmos que o *Self* resulta também duma percepção, neste caso do próprio, o “*Self*

The principal product of the actualizing tendency in Man is the human mind, the Gestaltic entity *par excellence*. The mind is destined to play out the most fundamental and complex roles in the process of self-actualization of humans. Rogers saw the development of culture and society as the result of the actualizing tendency causing complexification in Man. These two human products will, in turn, create multiple opportunities for further complexification. At the same time these products will originate a series of adversities that will demand once more further adaptation from the human organism, in the future possibly taking on as yet unknown forms of complexification.

## 2. The Rogerian Model of the Self

### a) Definition

Oddly, it is difficult to find a clear definition of the self in Rogers’ writings and in the Person-Centered Literature in general. We feel that Rogers tended to put down his thoughts and considerations regarding the therapeutic process, and relegated the theoretical systemization of his ideas to a secondary place, both as regards the models of psychological intervention and the comprehension of the person. This is notoriously manifest in the absence of a clear definition of terms and concepts, and in lack of a rigorous and constant use of the same (at least in comparison with other schools)<sup>8</sup>.

But that doesn’t mean that the Word self doesn’t appear in the Person-Centered literature, be it in the writings of Rogers or of others; it does and with great frequency. It appears however associated with various functions of the self. We believe there to be essentially two reasons for this fact. First, due to the evolution of Rogers’ ideas over the years, along with his clinical practise and research, the crystallization of a concept early on could induce a rigidity that would limit the openness to experience he himself defended.

Secondly, Rogers valued most the perceptual, or better yet, the phenomenological element of experience. For him the most important element of an individual’s reality was his perceptual or subjective dimension; each individual perceives his world and himself from his own personal perspective. Being it thus, it made little sense to speak of an objective and a subjective reality, given that objectivity had no experiential value and would, in perfection, be impossible for all, be they clients or therapists (there

9 Em 1988 Coombs fez questão de pedir uma Psicologia Centrada na Pessoa sobre qual se baseasse a prática e o ensino da terapia (Coombs, 1988, cit. por Cain, 2002).

8 In 1988 Coombs appealed to the creation of a Person-Centered Psychology on which could be based the practice and teaching of therapy (Coombs, 1988, in Cain, 2002).

rogeriano” é também ele uma percepção, ou seja uma construção mental, com origem na experiência.

Brites (2005) evidencia o facto de Rogers nunca ter conceptualizado formalmente o significado de *Self*. Ainda que a autora se refira especificamente ao conceito de “*Self real*”, julgamos ser válido alargar esta consideração ao conceito geral de *Self*. Rogers atribuía a este termo mais de um sentido, ora para designar o que a pessoa verdadeiramente é, ora aquilo que a pessoa pensa que é.

Fenomenologicamente, esta última “definição” fará mais sentido. Contudo, o próprio autor poderá ajudar-nos nesta clarificação do conceito de “self”.

No seu livro *Client-Centered Therapy* de 1951, Rogers, ao referir-se ao desenvolvimento do *Self*, define-o como “*a percepção de ser, de funcionar*”<sup>10</sup>, ou seja, a forma como a pessoa percebe a que é e que funciona. 33 anos mais tarde Rogers escrevia sobre o *self*, o conceito de *Self (self-concept)* e a estrutura do *self (self-structure)* que “...esses termos referem-se ao Gestalt organizado, consistente, e conceptual composto de percepções das características do “eu” ou “mim” e as percepções das relações do “eu” ou “mim” com outros e com vários aspectos da vida, juntamente com os valores associados a essas percepções. É um Gestalt que está disponível à consciência<sup>11</sup> mas não é necessariamente consciente. É um processo fluido e mutável, mas em qualquer momento...é pelo menos parcialmente passível de ser definido operacionalmente” (Rogers, 1984, cit. por Raskins, 2004). Será certamente claro como este exemplo é demonstrativo da visão profundamente funcional e perceptual de Rogers, e da sua relutância em dar ao *Self* uma corporeidade estrutural.

## b) O Desenvolvimento do Self

Como já referimos, Rogers apresentou as suas concepções iniciais sobre o *Self*, em 1951, de forma relativamente simples. A criança experiencia (perceptivamente) tudo o que a rodeia, mas inicialmente todas as percepções, sejam as de objectos exteriores ou do próprio corpo, são indistintas e incapazes de serem diferenciadas umas das outras. Este conjunto de sensações forma o campo perceptual em que a criança existe e, já que a experiência que ela vive é sempre a partir do seu ponto de vista, este campo perceptual é, com efeito, o seu mundo (Rogers, 1951).

Este campo perceptual constituirá aquilo que Hipólito (2005) denominou de *Self* orgânico, formado

10 “...the awareness of being, of functioning” no original (Rogers, 1951).

11 “awareness” no original

are no true neutral, “from the outside”, observers). So if we are to consider that the (pure) self results also from a perception, in this case of itself, the “Rogerian Self” is also a perception, or mental construct, originating in experience.

Brites (2005) emphasizes the fact that Rogers never conceptualized formally the meaning of the term self. Although she was specifically referring to the concept of the “real self”, we believe it valid to extend this criticism to the general concept of the self. Brites points out that it was used with different meanings by Rogers to indicate both what a person truly is or what the person believes himself to be.

Phenomenologically, this last definition seems more correct. However, Rogers himself may clarify for us his definition of self. In his book *Client-Centered Therapy*, Rogers (1951), referring to the development of the self, defines it as *the awareness of being, of functioning*, in other words the way a person perceives himself to be and to function. Thirty three years later Rogers wrote about the self, the *self-concept* and the *self-structure*, saying “... these terms refer to the organised, consistent and conceptual Gestalt, composed of perceptions of the characteristics of “I” or *me*, and the perceptions of the relationships of the *I* or *me* with others and with the various aspects of life, together with the values associated with those perceptions. It is a Gestalt that is available to awareness, but is not necessarily conscious. It is a fluid and mutable process, but at any moment...is at least partially able to be defined operationally.” (Rogers, 1984, cit. in Raskins, 2004). We believe this example to be clearly demonstrative of the profoundly functional and perceptive view that Rogers had, and his reluctance to give the self a structural corporality.

## b) The Development of the Self

Carl Rogers presented his initial ideas about the self in a relatively simple fashion. The child perceives experientially all that surrounds him, but initially all perceptions, be they of eternal objects or of the body itself, are indistinct and incapable of being differentiated one from another. This totality of sensations forms the experiential field in which the child exists, and since the experience that the child has is always, of necessity, from his own perspective, his field is in essence his world (Rogers, 1951)

This perceptual field forms what Hipólito (2005) has called the organic self, formed by the global totality of the symbolized perceptions; in other words, it corresponds to the totality of the perceptions that



pela globalidade das percepções simbolizadas, isto é, que corresponde à totalidade das percepções que são integradas, harmoniosamente, neste *Self*.

Gradualmente, num movimento de complexificação e diferenciação, a criança vem a reconhecer que certos estímulos dentro desse campo correspondem a si, e a partir daí começa progressivamente a desenvolver o sentido de “mim”, “meu”, “eu”.

Rogers não propôs uma explicação elaborada do mecanismo<sup>12</sup> associado a este processo de, numa certa fase do desenvolvimento, emergir a capacidade de distinguir o “eu” do “não-eu”. Contudo, Hipólito considera que a complexificação neurológica terá uma função importante neste processo, que culmina com a “Percepção do Outro Significante” (Hipólito, 2003, cit. por Brites, 2005), que assinala a consciência da fronteira “Eu/Outro.”

Este modelo tem a vantagem de permitir considerar a existência dum *Self* mais dinâmico, que permite que hajam elementos mais do *Self* do que outros, dependendo do controlo que pode ser exercido sobre eles.

### 3. O funcionamento do Organismo Humano

Ao contrário das limitações inerentes à sua postura teórica sobre a definição e constituição do *Self*, as ideias de Rogers sobre como o *Self*, entendido como a “fundação” da personalidade surge e funciona, são simples e racionais, fornecendo-nos um modelo útil. Com base nas suas ideias, e mais recentemente nas de Hipólito, podemos desenhar o percurso “padrão” do desenvolvimento humano.

De acordo com Brites (2005), “é na medida em que o indivíduo tem a possibilidade/ capacidade de estar aberto à experiência e agir consoante aquilo que a interacção necessidade/experiência *determina* que a sua personalidade se forma, como *uma parte* do processo geral de desenvolvimento humano.” Como já constatámos, é inevitável introduzir o conceito de *Self* neste percurso.

Omnipresente está a tendência actualizante, a força vital do indivíduo, já referida. Esta “dirige” o organismo humano, dinamicamente, no sentido da complexificação. Vimos já que o *Self* começa a desenvolver-se a partir de sensações corporais rudimentares e estímulos exteriores, e depois também da percepção de actividade mental e da capacidade de agir (a vontade).

12 Rogers sugere que o desenvolvimento do *Self* acontece essencialmente partir do aumento progressivo de controlo do bebé sobre o seu mundo. O controlo será maior sobre o seu próprio corpo, havendo assim um gradiente de controlo que varia daquilo que é mais controlado (ele próprio, o *Self*) ao que é menos controlado (o ambiente). Aquilo sobre o que não seja sentida nenhuma sensação de controlo não é incorporada no *Self*.

are harmoniously integrated into this self. Gradually, in a movement of complexification and differentiation, the child comes to recognize that certain stimuli within its perceptual field corresponds to itself, and from then onwards begins to progressively develop the notion of *me, mine* and *I*.

Rogers never elaborated on a mechanism<sup>9</sup> for this process which allowed for the appearance, at a certain stage of development, the capacity to distinguish “I” from “not-I”. However Hipólito considers that neurological complexification has an important function in this regard, which culminates with the *Perception of the Significant Other* (Hipólito, 2003, in Brites, 2005), thirty establishing the limits of “I/Other”.

This model has the advantage of permitting the existence of a self that is more dynamic, with different elements being possessed to differing degrees by the self, depending on the control that is exercised over them.

### 3. The functioning of the Human Organism.

Contrary to the limitations of Rogers’ ideas of the theoretical definition and constitution of the self, his ideas of its development and functioning (when the self is taken as the foundation of the personality), are simple and rational, providing us with a useful psychological model. Based on Rogers’, and more recently on Hipólito’s, ideas, we can delineate the path of human psychological development.

According to Brites (2005), the personality forms as part of the general process of human development, in the measure that the individual has the possibility and capacity to maintain an openness to experience and to act in accordance with what his necessities and experiences determine. As we have seen, the introduction of the concept of self into this process is inevitable.

Present at all times will be the individual’s vital force, the actualizing tendency. This directs the human organism dynamically towards complexification. We have seen that the self begins to develop from rudimentary bodily sensations and external stimuli, and subsequently from the perception of mental activity itself and of the will.

9 Rogers suggests that the development of the self happens essentially through the growing control the young infant has over his world. Control is greatest over its own body, thereby establishing a gradient of control that varies from that which is most controlled (himself, the self) to that which is least controlled (the environment). That for which no feeling of control whatsoever is felt is not incorporated into the self.

Rogers não elaborou mais a sua ideia no que diz respeito a necessidades básicas – presume-se que aceitaria largamente o ponto de vista de Maslow. Porém, é lógico supor que o desenvolvimento do *Self* chegaria a um ponto em que as necessidades seriam de uma ordem superior, geralmente equivalentes às necessidades que Maslow designou por “estima”<sup>13</sup> (1943). Este funcionamento envolvia certas funções e elementos que são agora discutidos.

### a) Simbolização

A simbolização é o processo pelo qual um indivíduo se torna consciente de uma experiência, ou seja, é o processo cognitivo exercido sobre uma sensação organísmica, não necessariamente provocada pelo meio exterior ao indivíduo (na medida em que será possível simbolizar estados e processos internos). Podemos então dizer que a simbolização é uma representação mental.

A simbolização nunca é neutra, já que é subjectiva, acontecendo sempre no interior do e a partir do quadro de referências do indivíduo, isto é, é um processo mediado pelo conjunto das suas experiências, pela sua visão do mundo; no fundo, pela sua realidade pessoal. O indivíduo não simboliza experiências reais (no sentido objectivo do termo) mas sim as percepções subjectivas associadas a essas experiências. É um mecanismo fenomenológico, digamos assim, o qual, uma vez que é mediado pelas experiências anteriores do indivíduo, por um lado, e pelo seu *Self*, por outro, pode a cada momento sofrer distorções, de acordo com a sua (des)adequação ao conceito de *Self* pré-existente. Pode também sofrer bloqueios, ou seja, o processo de simbolização pode ser anulado, quando determinadas experiências são inaceitáveis e/ou incompatíveis como parte do self.

Concluimos, assim, que a simbolização será um processo ao serviço do self, “gerido” por este, e que funciona com o objectivo primário de manter a sua integridade, face a cada nova experiência.

### b) Valoração Organísmica

A tendência actualizante, em cada organismo, dá-lhe conhecimento instintivo, já que operacionaliza a sua capacidade instintiva de aprender. Pela sua natureza, o organismo “sabe” quais são as suas necessidades “primárias”: água, comida, segurança, protecção de temperaturas extremas, entre outras. Este conhecimento manifesta-se na forma duma percepção ou sabedoria

13 Esta “estima” seria primeiro dos outros significativos (mãe, pai, família, comunidade, sociedade, etc. numa hipotética ordem decrescente) e finalmente de si mesmo.

Rogers did not elaborate his ideas of the basic needs – we suppose he would largely accept Maslow’s point of view. However it is logical to presume that the development of the self would reach a point where the needs would be of a higher order, generally equivalent to what Maslow (1943) called esteem needs<sup>10</sup>. This involves certain functions and elements that are discussed forthwith.

### a) Symbolization

Symbolization is the process whereby an individual becomes conscious of an experience. It is the cognitive process exercised over an organismic experience, although not necessarily originating in the environment, which means that the symbolization of internal states and processes is also possible. We can thus say that symbolization is a mental representation.

Symbolization is never neutral, given that it is subjective, occurring always within, and from, the individual’s internal frame of references. It is a process mediated by the totality of the individual’s experiences and his vision of the world – in essence, by his personal reality. The individual does not symbolize objectively real experiences, but rather his perceptions associated with those experiences. This is a phenomenological mechanism, which since it is mediated both by the individual’s past experiences and by the self, is capable of suffering distortions whenever it appears to not fit in with the pre-existing concept of the self. Symbolization may also suffer obstructions or blockages, being annulled whenever certain experiences are considered incompatible or unacceptable as parts of the self.

We may conclude therefore that symbolization is process that is at the disposal of the self, and is managed by the self with the primary objective of maintaining its integrity in the face of new experiences.

### b) Organismic Valuing.

The actualizing tendency gives each organism instinctive knowledge, since it operationalises the inherent capacity to learn. By its nature, the organism knows which are its basic needs : water food, security, protection from the elements, etc. This knowledge manifests itself in the form of a basic organismic perception or wisdom, in a sense, a “feeling” of what is and isn’t in its own best interests. We may thus say

10 This esteem would first be of significant others (mother, father, family, community, society, etc. in a hypothetical descending order), and finally for itself.

organísmica básica, se quisermos, uma “sensação” do que lhe convém ou não. Existe então uma capacidade de valoração organísmica<sup>14</sup> (*organismic valuing*) (Raskin, 2004).

Não faz sentido considerar o desenvolvimento humano sem tomarmos em conta a realidade em que ele se dá. Todos os animais sociais, incluindo o Homem, vivem em grupos<sup>15</sup> porque, pela sua natureza, são incapazes de se desenvolverem de forma saudável e harmoniosa na solidão.

Todos os seres humanos são condicionados desde o início do seu processo de desenvolvimento, por vezes contra algumas das suas necessidades básicas. Ninguém viverá total e exclusivamente segundo as suas necessidades, sem ser influenciado em maior ou menor grau, pelos outros, pelo meio, pelas circunstâncias. Cremos ser possível mesmo questionar, com as devidas precauções, se alguns destes constrangimentos não estarão, também eles, ao serviço da Tendência Actualizante da *humanidade* (se é que podemos conceber a existência de tal conceito).

Na mesma linha de ideias, a valoração organísmica do mundo real, *saudável*, de um indivíduo *saudável*, está cheia de condições de valor *saudáveis*.

A experiência pessoal permite-nos reflectir um pouco sobre isto. Rogers nunca elaborou o conceito de valoração organísmica ou definiu o seu processo, mecanismos ou desenvolvimento como função psicológica. Porém, todos nós sabemos o que é ter uma “sensação forte” sobre algo (*gut feeling*). Estas sensações parecem-nos especialmente relevantes em termos do seu valor preditivo, quase “mágico”, justamente pelo facto de não estarem associadas a um processo cognitivo consciente, ou por nos darem indicações contrárias à nossa razão.

Na leitura de Rogers encontramos outro significado para o conceito de valoração organísmica. O autor usa o termo de forma vaga, como se significasse “sentimento real” (ou seja, aquilo que eu sinto mesmo, sem interferências externas); recordamos que, para Rogers, a condição humana de base é desprovida de valores, não possui características valorativas, simplesmente é. Nesse caso, a valoração organísmica representaria os sentimentos reais do *Self*.

14 Raskin afirma que este conceito se aplica essencialmente à forma como os indivíduos fazem uso dos seus sentidos para tomar decisões, em vez de tomarem-nas baseado em sistemas de valores de outros que interiorizaram (2004).

15 Em termos evolucionistas, o que o grupo oferece é a aprendizagem de comportamentos de grupo que se podem sobrepor às tendências individualistas; todos os seres humanos *normais* aceitam esta sobreposição do grupo ao indivíduo porque ela tem claras vantagens de sobrevivência.

that the organism possesses a capacity for organismic valuing<sup>11</sup> (Raskin, 2004).

One cannot consider human development without taking into account its context. All herd animals, including Man, live in groups<sup>12</sup> because by their own nature they are incapable of developing healthfully and harmoniously on their own.

All human beings are therefore conditioned from the very start of their process of development, sometimes against their own basic individual needs. No one therefore lives totally and exclusively according to his own individual needs, without being influenced to varying degrees by others, the environment and by circumstances. We may hypothesize that this reflects the superiority of the actualizing tendency of the group (the complex system) over that of the individual members' or units' actualizing forces.

Following along the same line of logic, we may say that the organismic valuing of a healthy individual in the real world is full of healthy external conditions of value.

Personal experience allows us to reflect on this. Rogers failed to elaborate on or define the process of organismic valuing as a psychological function, nor did he propose a mechanism or a developmental process for it. Every person however knows what it means to have a “gut feeling”. These sensations appear to be particularly relevant for their predictive value, which is almost “magical”, due to the very fact of their not being associated with a conscious cognitive process, or because they give us indications that seem to go against our reason.

Reading Rogers we find another meaning for the concept of organismic valuing: the author uses the term vaguely, as if it meant “a real feeling” (that what is truly felt, without outside influences). Let us recall that for Rogers the human condition was naturally value-free, and has no value-laden characteristics; it simply is what it is. In that sense, organismic valuing can be taken to mean the true feelings of the self.

If we are to consider as real the possibility of a true organismic functioning, we must consider it possible for an organism (such as Man) to develop without any interference whatsoever. Only thus will it be able to follow, unhindered, along its natural process of development. The truth however, is that

11 Raskin claims that this concept applies essentially to the way individuals make use of their senses to make decisions, instead of making them based on interiorized value systems of others.

12 In evolutionary terms, the group offers learning of group behaviours that take precedence over individualistic tendencies. All *normal* humans accept this domination of group needs over individual ones because it offers clear advantages for survival.

Considerar a existência de um tipo de funcionamento organísmico só faz sentido na medida em que haja a possibilidade (teórica) do organismo se desenvolver *sem qualquer interferência*, podendo então seguir o seu processo natural de desenvolvimento pessoal. É claro que nem *in utero* o feto está só. Sendo esse o caso, sugeríamos que se considerasse que o desenvolvimento hipotético de um organismo normal **se aproxima** daquele desenvolvimento puro que resultaria da acção da sua tendência actualizante se essa agisse de forma **isolada**, e as suas valorações organísmicas **se aproximassem** da verdade organísmica tal como ela seria revelada pelos seus instintos, percepções e cognições, se esses não fossem sujeitos a distorções e que as suas simbolizações **se aproximassem** da representação real das suas experiências.

### c) Necessidades de ordem superior

De acordo com Boeree (2006d), Rogers usava o termo “consideração positiva” (*positive regard*) para as necessidades de ordem superior. Necessidades como amor, afecto, atenção, carinho, todas eram consideradas necessidades básicas do ser humano que eram instintivamente desejadas, valorizadas e procuradas.

Num plano “superior” existiria a auto-consideração positiva (*positive self-regard*) (Raskins, 2004; Boeree, 2006d) que englobaria a auto-estima e a auto-imagem. O movimento de autoconsideração positiva representa, assim, o produto dos processos de modelagem e internalização, pelo indivíduo, das suas percepções de valorização positiva por parte das figuras significativas (em relação a si) ao longo da vida, fundamentalmente nos primeiros anos de vida.

### d) Condições de valor

Segundo Rogers, as condições de valor são condicionantes externos que incidem sobre a tendência actualizante e a desviam do seu curso primitivo para a auto-actualização (Rogers, 1959, cit. por Kirschenbaum, 1989). Em nossa opinião, consideramos ser mais correcto afirmar que as condições de valor são condicionantes (originalmente) externas que actuam sobre o processo de desenvolvimento, influenciando o seu percurso natural de complexificação. Numa definição mais simples e generalista podemos entender as condições de valor “como o conjunto de premissas que são valorizadas (ou não) pelas figuras significativas, e que devem tornar-se *obrigatórias* no bebé, de forma a manter o amor dessas figuras” (Brites, 2005).

Embora a sua importância resida, sobretudo, no papel que desempenham durante o processo de desenvolvimento da criança, podemos alargar a conceptuali-

not even *in utero* is the foetus alone. Therefore we suggest that it is best to consider that the hypothetical development of a normal organism *approximates* that pure development that would occur from the action of the actualizing tendency, were it able to act in an isolated fashion, and that the organism’s organismic valuing *approximate* the organismic truth (the true feeling) such as it would be revealed by its instincts, perceptions and cognitions, if these were not subjected to distortions, and its symbolizations *approximate* the true representations of its experiences.

### c) Higher order needs

Boeree (2006a) claims that Rogers used the term *positive regard* to mean essentially what are higher order needs. Needs such as love, affection, attention, tenderness, are all considered basic human needs that are instinctively desired, valued and searched for.

On a higher level could be found *positive self-regard*, which would include self esteem and the self-image (Raskins, 2004; Boeree, 2006d). The process of positive self-regard represents the process of moulding and internalization by the individual of his perceptions of positive valuing of himself by significant figures throughout his life, but especially during his early years.

### d) Worth Conditions

According to Rogers the conditions of worth are external conditioners that act on the actualizing tendency in such a way as to deviate it from its primitive path to complete self-actualization (Rogers, 1959, cit. in Kirschenbaum, 1989). In our opinion, we consider to be more correct to affirm that conditions of worth are external conditionings (originally) which acts over the development process, influencing its natural complexification process. In a simpler and generalistic definition, we can understand the conditions of worth as a “set of premises which are valued (or not) by significative figures, and that must become essential in the baby, in order to maintain their love (Brites, 2005).

Although their importance is greatest during the process of the child’s development, we may broaden our conceptualization of the conditions of worth to culture and society at large.

We may consider them in greater detail as being either general or personal. The general conditions of worth are those that come from society and culture in their broadest sense, and are directed at all its members (such as publicity and fashion, for example), and generally have similar effects upon large groups

zação das condições de valor, e estendê-las à sociedade e à cultura.

É possível considerá-las mais pormenorizadamente, como condições de valor **gerais e pessoais**. As **gerais** são aquelas que advêm da cultura e sociedade alargada, que são destinadas a todos os seus membros (como a publicidade e a moda, por exemplo) e que geralmente têm efeitos semelhantes em grandes grupos de pessoas. As **pessoais**, por sua vez, surgem das figuras significativas na vida do indivíduo, com especial importância para os pais, durante a infância, como já vimos. Estas condições de valor reflectem primariamente os valores destes, que por sua vez dependem também dos valores gerais e pessoais que eles próprios interiorizaram.

A experiência das condições de valor [parentais] implica que “passam a existir condições para a integração de cada experiência na estrutura do *Self*, que já não pode ser definido em termos de necessidades e características orgânicas individuais, mas sim em termos de percepções que, pelas suas características e valor, podem integrar essa estrutura” (Brites, 2005, p. 60). O *Self* torna-se assim selectivo e condicional, perdendo a sua “independência orgânica”.

#### **e) Simbolização, valoração orgânica, e condições de valor – como harmonizá-las?**

Se a valoração orgânica é um processo avaliativo que é sempre, em maior ou menor grau, enviesado; se as condições de valor são inevitáveis e provavelmente necessárias; e se a simbolização pode ser uma representação “mais ou menos” fiel da realidade, então, como explicar a saúde mental e a patologia?

Sugerimos dois elementos que, pela sua acção, irão determinar se o resultado final é um indivíduo normal<sup>16</sup> ou não:

- a) Se os processos cognitivos em uso forem suficientemente livres de vieses de percepção e/ou de avaliação, permitindo que a valoração orgânica resulte numa simbolização suficientemente fiel da realidade objectiva (ou, na ausência desta, numa opinião consensual exterior), na ausência de condições de valor extremas;
- b) Se as condições de valor a que o indivíduo está exposto não forem extremas (excessivamente rígidas ou frouxas, desenquadradas do contexto social ou da realidade pessoal, mutáveis ou imprevisíveis) ou até patológicas (resultando de psicopatologia da parte de quem as impõe),

16 Atravemo-nos a definir “normal” de forma “Winnicottiana” em que o homem normal seria alguém *suficientemente* capaz, adaptado, livre de ansiedade, socializado, afectivo e actualizante.

of people. The personal conditions of worth, on the other hand, arise from the significant people in the individual’s life, especially parents, and have their greatest impact during infancy. These conditions of worth reflect primarily the values of the significant others, and in their turn are derived from the general and personal conditions that they themselves were subjected to and interiorized.

The experience of the (parental) conditions of worth implies that from a given moment onwards the conditions for the integration of each experience within the structure of the self can no longer be defined solely in terms of individual organismic needs and characteristics, but in terms of perceptions, which by their characteristics and worth, may integrate that structure (Brites, 2005, p. 60). The self thereby becomes selective and conditional, losing its “organismic independence” in the process.

#### **e) Symbolization, organismic valuing and conditions of worth – bringing them together.**

If organismic valuing is an evaluative process that is always, to a greater or lesser degree, biased; if conditions of worth are inevitable and probably necessary; and if symbolization is a more or less accurate representation of reality, how can mental health and pathology be explained? We suggest two elements which by their action will determine if the final result is a normal individual<sup>13</sup> or one with psychopathology:

- a) if the cognitive processes in use are sufficiently free of biases of perception and/or evaluation, allowing the process of organismic valuing to result in a symbolization that is sufficiently true to objective reality (or in its absence, to a consensual external opinion), in the absence of extreme conditions of worth;
- b) If the conditions of worth to which the individual is exposed are not extreme (excessively rigid or lax, greatly divergent from broad personal or social reality, ever-changing or unpredictable) or even pathological (being the result of psychopathology in the significant others), then the self will develop in a harmonious, natural and “normal” fashion. When these conditions do not apply, and the individual cannot maintain equilibrium in his

13 We dare to define “normality” in Winnicott-like fashion, by saying that a normal individual is one sufficiently capable of dealing with life’s challenges, adapted to his environment, free of significant anxiety, socialized, affective and actualizing.

então o *Self* desenvolver-se-á de forma harmoniosa e normal. Caso uma destas condições não se verifique, isto é, se o indivíduo não conseguir manter o equilíbrio do seu funcionamento ou se os processos dissociativos implicados no processo de simbolização/integração da experiência se tornarem demasiado restritivos e impeditivos da manutenção da integridade psicológica, estaremos perante um indivíduo incongruente e, em certos casos, com psicopatologia.

## Conclusão

O conceito de *Self* é fundamental na Psicologia e pode ser considerado o elemento central de consideração quando se pensa sobre a mente humana. Partindo da base teórica do desenvolvimento da personalidade saudável e patológica oferecida por Carl Rogers, foram elaborados os conceitos fundamentais para oferecer uma teoria psicológica “*Self*-centrada”, permitindo pensá-la de forma mais pormenorizada e precisa.

Constatamos não ser possível “contornar” o conceito de *Self* na compreensão psicológica do ser humano, uma vez que estes dois sistemas - *Self* e ser humano - partilham, à partida, uma (senão mais) característica inolvidável nesse processo compreensivo: a complexidade.

personal functioning, or if the dissociative mechanisms involved in the process of symbolization/integration of experience become excessively restrictive and impair the maintenance of psychological integrity, the result is an individual in incongruence, or in severe cases, with psychopathology.

## V. Conclusion

The concept of self is fundamental in Psychology and may be considered the central element of consideration when thinking about the human mind. Using as a starting point the theory of the healthy development of the human personality of Carl Rogers, we developed certain fundamental concepts so as to propose a psychological theory that is “centred on the self”.

It doesn't seem possible to us to avoid the concept of the self during any attempt at the psychological comprehension of the human being, since these two elements are inseparable – there are, as far as we believe, only human selves.

## Referências Bibliográficas

### References

- Bergeret, J. (1997). *A Personalidade Normal e Patológica*. Lisboa: Climepsi.
- Bleichmar, N. & Bleichmar, C. (s.d.) *A Psicanálise Depois de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Boeree C.G. (2006a) *B.F. Skinner*. Retrieved October 15, 2006 from [www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html](http://www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html).
- Boeree C.G. (2006b) *Albert Bandura*. Retrieved October 15, 2006 from [www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html](http://www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html).
- Boeree C.G (2006c). *Abraham Maslow*. Retrieved October 15, 2006 from [www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html](http://www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html).
- Boeree CG. (2006d). *Carl Rogers*. Retrieved October 15, 2006 from [www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html](http://www.ship.edu/ncgboeree/perscontents.html).
- Brites, R. (2005). Explorando a Teoria da Personalidade de Rogers: O Desenvolvimento Humano na Perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa. Monografia de Pós-Graduação não publicada, Universidade Autónoma de Lisboa.
- Calkins M.W. (1908). Psychology as science of self. The nature of self. [Electronic Version]. *Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, 5, pp. 64-68.
- Calkins M.W. (1930). Autobiography of Mary Whiton Calkins, in Murchison, C. (Ed). *History of Psychology in Autobiography*, 1, pp. 31-61.
- Coombs, A.W. (1988). Some current issues for person-centered therapy. In Cain D.J. (2002). *Classics in the Person-Centered Approach*. Ross-on-Wye: PCCS Books.
- Darwin, C. (1877). A Biographical sketch of an infant. [Electronic Version] *Mind*, 2, pp. 285-294.
- Freud, S. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise* (Vol. III). (Trad: Inês Busse). Lisboa: Publicações Europa-América (obra original publicada em 1923)
- Gabbard, G.O. (2005). *Psychodynamic Psychiatry in Clinical Practice* (4ª Ed). Washington DC: American Psychiatric Publishing, Inc.
- Hipólito, J. (2005). *Traumatismo e Desenvolvimento Psico-Afectivo na Perspectiva da Terapia Centrada no Cliente*. [Comunicação]. Jornadas da Abordagem Centrada na Pessoa. Lisboa: UAL. Fevereiro 2005.
- James, W. (1890). *The Principles of Psychology* (Cap. X). Retrieved October 15, 2006 from <http://psychclassics.yorku.ca/James/Principles/prin10.htm>.
- Jesuino, J.C. (2002). *Psicologia* (3ª Ed). Lisboa: Quimera.

- Kahn E. (2002). Heinz Kohut's empathy. In Watson J., Goldman R. & Warner M. (Eds.), *Client-Centered and Experiential Psychotherapy in the 21st Century: Advances in Theory, Research and Practice*. Ross-on-Wye: PCCS Books.
- Maslow A. H. (1941). Deprivation, threat and frustration. [Electronic Version]. *Psychological Review*, 48, pp. 364-366.
- Maslow A.H. (1943). A theory of human motivation. [Electronic Version]. *Psychological Review*, 50, pp. 370-396.
- Newton C.J. (1996). *Interactive Glossary of Mental Health and Disability Terms, Mentalhealth Internet Resources, Inc.* Retrieved October 15, 2006 from [www.therapistfinder.net/glossary/Self-Psychology.html](http://www.therapistfinder.net/glossary/Self-Psychology.html).
- Pervin, L. & John, O. (2004). *Personalidade: Teoria e Pesquisa* (8ªEd.). Porto Alegre: Artmed.
- Raskin, N.J. (2004). *Contributions to Client-Centered Therapy and the Person-Centered Approach*. Ross-on-Wye: PCCS Books.
- Rogers, C. (1947). Some observations on the organization of personality. [Electronic Version]. *American Psychologist*, 2358-2368.
- Rogers C. (1951). *Client-Centered Therapy*. London: Constable.
- Rogers C. (1959). A Theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework. In Kirschenbaum H. & Henderson V. (Eds) (1989). *The Carl Rogers Reader*. Boston: Houghton Mifflin Co.
- Rogers C. (1986). Rogers, Kohut and Erikson: a personal perspective on some similarities and differences. In Cain D.J. (2002). *Classics in the Person-Centered Approach*. Ross-on-Wye: PCCS Books.
- Rogers, C. e Kinget, G.M. (1977). *Psicoterapia & Relações Humanas (Vol.II)*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Sadock, B.J. & Sadock, V.A. (2003). *Synopsis of Psychiatry* (9ª Ed). Philadelphia: Lippinott Williams & Wilkins.
- Storr, A. (1989). *Freud - A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Strozier C.B. (2001). *Heinz Kohut: the Making of a Psychoanalyst*. New York: Farrar, Straus & Giroux.
- Susske R. (1997). *What does Heinz Kohut mean by the "Self"? Associations on a Theme*. (Comunicação) [Electronic Version] Berlin: Society for the Philosophy and Sciences of the Psyche.
- Tap, P., Hipólito, J. & Nunes, O. (2006). *Manual da Escala S.E.R.T.H.U.A.L.* (não publicado), Universidade Autónoma de Lisboa.
- Watson J.B. (1913). Psychology as he behaviourist views it. [Electronic Version]. *Psychological Review*, 20, pp. 158-177.
- Weiten W. (1992). *Psychology: Themes and Variations*. Pacific Grove: Brooks-Cole.
- Wozniak R.H. (1913). Commentary on "psychology as the behaviourist views it" de John B Watson, in Bringman et al (Eds) (1997). *A Pictorial History of Psychology*. Chicago: Quintessence.
- The American Heritage Dictionary of the English Language*, 2004 (4ª Ed.). Boston: Houghton Mifflin Company.
- Roget's II: The New Thesaurus*1995 (3ª Ed.). Boston: Houghton Mifflin Company.
- Self*. Retrieved October 15, 2006 from [www.answers.com/topic/self-psychology](http://www.answers.com/topic/self-psychology).
- Self-concept*. Retrieved October 15, 2006 from [www.answers.com/topic/self-concept](http://www.answers.com/topic/self-concept).